



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**PENSANDO O PROCESSO GRUPAL: VIVÊNCIAS DE USUÁRIOS E
TRABALHADORES DO SUS**

Beatriz Lacerda Caetano

UBERABA-MG
2020

Beatriz Lacerda Caetano

Pensando o processo grupal: vivências de usuários e trabalhadores do SUS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Psicologia e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro.

UBERABA-MG
2020

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

C181p	Caetano, Beatriz Lacerda Pensando o processo grupal: vivências de usuários e trabalhadores do SUS / Beatriz Lacerda Caetano. -- 2020. 40 f. : il., fig., tab. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2020 Orientador: Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro 1. Psicoterapia de grupo. 2. Saúde pública. 3. Promoção da saúde. I. Santeiro, Tales Vilela. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título. CDU 615.851.6
-------	--



Ministério da Educação
Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Uberaba - MG

ATA DE DEFESA E QUALIFICAÇÃO

Programa de Pós-Graduação:	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA				
Evento:	DEFESA DE DISSERTAÇÃO				
Data:	21/08/2020	Início em:	09h00	Término em:	12h10
Número de matrícula aluno:	2018.2062.8				
Nome do aluno:	BEATRIZ LACERDA CAETANO				
Título do trabalho:	Pensando o processo grupal: vivências de usuários e trabalhadores do SUS				
Área de concentração:	PSICOLOGIA				
Linha de Pesquisa:	PSICOLOGIA E SAÚDE				
Projeto de pesquisa vinculado:					

Reuniu-se de forma remota, utilizando-se a plataforma **Google Meet** (meet.google.com/vfp-vzqp-kow) em conformidade com as recomendações do Ofício Circular n.º 03F/2020/PROPPG/UFTM, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta dos Professores Doutores: Pablo de Carvalho Godoy Castanho da Universidade de São Paulo (USP) e Cintia Bragheto Ferreira da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Prof. Dr. Tales Vilela Santeiro orientador da mestranda. Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr(a). Tales Vilela Santeiro apresentou a Comissão Examinadora e a mestranda, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa. A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a mestranda. Concluída a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca se reuniu e atribuiu o resultado final, considerando a mestranda:

APROVADA

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFTM.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada, dela sendo lavrada a presente ata, que foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **TALES VILELA SANTEIRO, Professor do Magistério Superior**, em 21/08/2020, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art. 14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



Documento assinado eletronicamente por **CINTIA BRAGHETO FERREIRA, Professor do Magistério Superior**, em 21/08/2020, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art. 14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pablo de Carvalho Godoy Castanho, Usuário Externo**, em 21/08/2020, às 18:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art. 14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufm.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0386227** e o código CRC **08A7768A**.

Referência: Processo nº 23085.007319/2020-21

SEI nº 0386227

Ao Vinícius, e à promessa de uma
vida nova que nos é anunciada.

AGRADECIMENTOS

Confesso que comecei a pensar estes agradecimentos há dois anos, quando adentrei no Programa de Mestrado. O sentimento de gratidão permeou todo o processo vivido por mim. Considerei cada escolha, cada desafio superado e cada conquista como uma vitória alcançada com a ajuda de cada um de vocês.

Agradeço a Deus, que me enche de vida e me aponta caminhos de crescimento e superação. Obrigada pela oportunidade de estudar, de aprender, de conhecer sempre um pouquinho mais de Sua criação.

Ao meu professor e orientador, Professor Tales, que me acolheu como mestrande, e com sua humildade e tranquilidade, foi quem me abriu os olhos para tantos detalhes e tantos aprendizados. Aprendizados esses não só teóricos, mas sobre o outro e sobre mim. Muito obrigada por me incentivar e compartilhar comigo momentos de grande despertar!

Agradeço também aos professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGP-UFTM) que contribuíram com seu exemplo de “ser” para minha formação acadêmica e pessoal. Deixo um agradecimento especial à professora Cíntia Braghetto, membro da Banca de Defesa desta Dissertação, pelo olhar carinhoso que sempre demonstrou a mim e ao meu trabalho.

Digo muito obrigada a cada um de meus colegas do Grupo de Pesquisa *Clínica Psicanalítica*, que permaneceu junto a mim durante todo o processo vivido, no auxílio às etapas de pesquisa e no companheirismo ofertado. Em tempos de “pandemia”, em que o isolamento se fez necessário, ter o contato e o apoio de vocês mesmo que “à distância” foi primordial para eu conseguir finalizar esse processo. Agradeço em especial à Renata, que carinhosamente se disponibilizou a me ajudar na etapa de coleta de dados e na elaboração do dossiê de fotografias utilizadas nesta Dissertação com suas imagens incríveis! Também agradeço ao Guilherme, colega de Mestrado, que com seu olhar atento e seu “ser” que exala vontade de crescimento, esteve presente também em meu processo de pesquisa.

Minhas queridas amigas Fernanda e Kelly, muito obrigada por tudo! Sem vocês, esse Mestrado não teria sido o mesmo! Agradeço por termos nos reencontrado aqui (a Fernanda, conheço desde os tempos de colegial...) e termos podido viver esse período juntas. Só nós sabemos como foi trabalhoso esse momento de permanecer em nossos campos profissionais e buscar realizar um bom processo de pesquisa... Agradeço imensamente a companhia e solidariedade de vocês! Como o nosso grupo do *Whatsapp* lembra, nosso encontro foi “mais que especial”, foi providencial!

A cada colega do Mestrado, que compartilhou comigo momentos alegres e desafiadores, além de experiências transformadoras, muito obrigada!

Agradeço ao Sérgio Marçal e à Carmelita Fernandes, meus colegas da Secretaria Municipal de Saúde de Uberaba, que são para mim exemplos de profissionalismo, dedicação ao outro e sobretudo, de coragem. Muito obrigada pela disponibilidade e pelo apoio na realização deste trabalho.

Aos Participantes desta pesquisa, que dividiram comigo momentos de verdadeira entrega, eu agradeço. Obrigado por acreditarem, mais que em nosso profissionalismo, acreditarem em nossa humanidade! Especialmente aos psicólogos do SIAP e às psicólogas das Unidades de Atenção Básica em que estive, sou profundamente agradecida pela acolhida que tiveram comigo e por me proporcionarem momentos de divino encontro.

Meu noivo amado, obrigada por todo companheirismo e pela ternura em cada olhar. Por me fazer acreditar em mim mesma, ter abertura e paciência para me ouvir e por estar comigo sempre, me apoiando e me amando independentemente de como “estou”. Mesmo no tempo mais escasso, permanecemos juntos! Eu amo você!

Aos meus pais agradeço pelo apoio, dedicação, confiança e conforto dedicados a mim durante toda a vida. De você, minha mãe, levo sempre comigo sua imagem inspiradora de professora, sua força e determinação! Obrigada por, com seu jeito meio torto, também me ensinar que eu não preciso ser nada além do que eu já sou! E do senhor, pai, guardo todo seu esforço para ajudar a mim e a Marcela nos estudos, nos levando e trazendo de escola em escola em nosso fusquinha, mesmo com seu tempo corrido. E, mesmo não entendendo muito bem do que se tratava um Mestrado, me deixava sempre um “boa aula” sempre que eu saía.

Agradeço a toda minha família. À Pinha, que se orgulha de dizer que a afilhada agora é mestre e que está sempre rezando por mim! À Grazi, sinal de força para cada um de nós.

À minha irmã, obrigada pelo companheirismo e pela torcida de sempre. Também torço muito por você!

Dedico este trabalho à Laurinha, ao Mateus e também ao André, meus sobrinhos queridos. Obrigada por alegrarem meu coração com cada olhar e cada sorriso e por compreenderem os dias em que a titia não podia brincar. Essa conquista também é por vocês! E por cada criança que chegar na nossa família!

Hoje me pergunto: como pude pensar que não daria conta de finalizar esse processo, se compartilho a vida com pessoas tão maravilhosas, que me apoiam e me ajudam tanto?

Todas as experiências vividas só aumentaram minha certeza de que a vida não acontece só! Nesse momento, comum a todos nós, de “isolamento social” por conta da

pandemia mundial do novo Coronavírus, que nos apresenta o impeditivo de estarmos fisicamente juntos, a importância dos encontros grupais em nossa vida pode ser reforçada! Nascemos para compartilhar! Não sendo assim, a vida não tem graça.... E estamos todos juntos, no mesmo barco, cada um de nós, a seu modo contribuindo para os encontros que nos são proporcionados e na busca de sermos felizes!

Eu não sou você, você não é eu

Madalena Freire

Eu não sou você

Você não é eu

Mas sei muito de mim

Vivendo com você.

E você, sabe muito de você vivendo comigo?

Eu não sou você

Você não é eu.

Mas me encontrei comigo e me vi

Enquanto olhava pra você

Na sua, minha, insegurança

Na sua, minha, desconfiança

Na sua, minha, competição

Na sua, minha, birra infantil

Na sua, minha, omissão

Na sua, minha, firmeza

Na sua, minha, impaciência

Na sua, minha, prepotência

Na sua, minha, fragilidade doce

Na sua, minha, mudez aterrorizada

E você se encontrou e se viu, enquanto olhava pra mim?

Eu não sou você

Você não é eu.

Mas foi vivendo minha solidão que conversei

Com você, e você conversou comigo na sua solidão.

Ou fugiu dela, de mim e de você?

Eu não sou você

Você não é eu.

Mas sou mais eu, quando consigo

Lhe ver, porque você me reflete

No que eu ainda sou

No que já sou e

No que quero vir a ser...

Eu não sou você

Você não é eu.

Mas somos um grupo, enquanto

Somos capazes de, diferenciadamente,

Eu ser eu, vivendo com você e

Você ser você, vivendo comigo.

SUMÁRIO

Resumo	08
Abstract	09
Apresentação da Dissertação	10
Resumo Estudo 1	16
Resumo Estudo 2	19
Considerações Finais da Dissertação.....	22
Referências da Dissertação	26
Apêndices e Anexo	
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo 1)	30
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo 2)	32
Anexo A – Parecer Consubstancial do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)	34

Resumo

A proposta de atendimento grupal ancora-se na noção de grupo como rede efetiva de suporte, que possibilita o fortalecimento de vínculos interpessoais e a formação de uma rede significativa de cuidado e promoção de saúde, em consonância com os princípios do SUS. O objetivo geral desta Dissertação foi compreender como os psicólogos atuantes no SUS e usuários por eles atendidos em grupos terapêuticos percebem o uso desta ferramenta nesse contexto. Foram realizados dois estudos descritivos, de corte transversal e abordagem qualitativa. Participaram do primeiro vinte usuários atendidos em equipamentos primário e secundário da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de um município do interior mineiro. Entrevistas foram estratégias utilizadas para acessar as experiências dos usuários. Para organização e realização da análise dos dados obtidos foi utilizado o procedimento de Análise Temática. Os eixos temáticos surgidos refletiram aspectos relacionados à aprendizagem dos Participantes enquanto membros de um grupo, permitindo legitimar essa prática como promotora de saúde, criação de vínculos entre seus membros, autocuidado e cuidado com seus pares. Em contrapartida, o atendimento grupal foi relativizado em alguns momentos em detrimento do atendimento individualizado e a questão do sigilo também foi pontuada. Todos esses aspectos apontaram a relevância de se ouvir usuários atendidos grupalmente para compreensão do alcance de políticas de atenção à saúde implantadas, mesmo em realidades socioeconômicas semelhantes. O segundo estudo foi uma pesquisa-ação amparada no enfoque clínico-qualitativo e se desenvolveu a partir do instrumento técnico-metodológico-filosófico dos Grupos Operativos. O objetivo foi compreender como psicólogos percebem o trabalho grupal que oferecem em suas práticas laborais, a partir de vivências em Grupos Operativos de aprendizagem. Participaram do estudo dez psicólogos, atuantes em uma Unidade Ambulatorial de Atendimento Psicossocial de um município do interior mineiro. A análise dos dados ocorreu a partir dos emergentes grupais levantados durante as três sessões de Grupo Operativo realizadas, o que se deu com base em procedimentos próprios dessa técnica. Os resultados apontaram que o Grupo Operativo em questão pôde ser agente de transformação, constituindo-se como recurso auxiliar no processo de aprendizagem dos profissionais Participantes e espaço de pertença dos mesmos. O processo grupal se mostrou como facilitador da expressão das dificuldades vividas na realização do trabalho exterior e interior ao Grupo Operativo oferecido.

Palavras chave: Psicoterapia de grupo. Saúde. Serviços de Saúde Pública. Técnicas Psicoterapêuticas.

Abstract

The group care proposal is anchored in the notion of group as an effective support network, which enables the strengthening of interpersonal bonds and the formation of a meaningful network of care and health promotion, in line with the SUS principles. The general objective of this Dissertation was to understand how the psychologists working in SUS and the users they serve in therapeutic groups perceive the use of this tool in this context. Two descriptive, cross-sectional and qualitative studies were carried out. Twenty users attended in primary and secondary equipment of the Psychosocial Care Network of a municipality in the state of Minas Gerais participated in the first one. Interviews were strategies used to access users' experiences. Thematic Analysis procedure was used to organize and carry out the analysis of the data obtained. The thematic axes that emerged were reflected aspects related to the participants' learning as members of a group, allowing to legitimize this practice as a health promoter, creating bonds between its members, self-care and care with their peers. On the other hand, group care was relativized at times to the detriment of individualized care and the issue of confidentiality was also punctuated. All of these aspects pointed out the relevance of listening to users served in groups to understand the scope of health care policies implemented in similar socioeconomic realities. The second study was an action research based on the clinical-qualitative approach and was developed based on the technical-methodological-philosophical instrument of the Operating Groups. The objective was to understand how psychologists perceive the group work they offer in their work practices, based on experiences in operational learning groups. Ten psychologists participated in the study, working in an Outpatient Psychosocial Care Unit in a city in the interior of Minas Gerais. The analysis of the data took place from the emerging groups raised during the three Operative Group sessions carried out, which was based on procedures specific to this technique. The results showed that the operative group in question could be an agent of transformation, constituting itself as an auxiliary resource in the learning process of the participating professionals and the space where they belong. The group process proved to be a facilitator of the expression of the difficulties experienced in carrying out external and internal work to the Operative Group offered.

Keywords: Group Psychotherapy. Health. Public Health Services. Psychotherapeutic Techniques.

Apresentação da Dissertação

Há três décadas da implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), com sua criação em 1988 e regulamentação pela Lei 8.080 (Brasil, 1990), podemos observar que novas realidades continuamente são apresentadas no que tange à assistência em saúde no país, bem como novas demandas no campo da saúde mental surgem a partir da complexidade desse Sistema.

Nesta Dissertação, levaremos em consideração a importância de se pensar a prática da Psicologia no SUS, sua dinamicidade e a necessidade de que os atores envolvidos nesse cenário estejam imbuídos dos princípios que o norteiam (Cintra & Bernardo, 2017; Dimenstein & Macedo, 2010; Ferrazza, 2016; Oliveira et al., 2017; Pitombeira, Xavier, Barroso, & Oliveira, 2016; Spink, 2013). Assim, o tema a ser desenvolvido será a intervenção psicológica na modalidade grupal em equipamentos de Atenção Básica e na Unidade Ambulatorial de Atenção Especializada de um município do interior de Minas Gerais. Partiremos da compreensão desse trabalho pela perspectiva dos psicólogos e usuários presentes nesses contextos, buscando dar-lhes voz.

A ideia de realização deste trabalho se deu a partir de vivências da Pesquisadora que vos fala em seu ambiente de trabalho. A partir de reuniões do grupo local condutor da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que possui representantes de todos os pontos de assistência em saúde mental da cidade e de diferentes setores de gestão - e do qual participo, foi identificada a necessidade de reestruturação dos fluxos de atendimentos aos usuários da Rede e o desenvolvimento de estratégias para diminuição das filas de espera por atendimentos psicológicos na cidade. Assim, objetivando o melhor direcionamento das ações oferecidas, a Diretoria de Atenção Psicossocial do município passou a incentivar que o trabalho realizado por psicólogos da rede pública de saúde acontecesse em abordagens grupais.

Concomitantemente a essa reestruturação da Rede, passei a frequentar a disciplina *Grupos e promoção de saúde* do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGP-UFTM). Considero uma feliz coincidência o fato de a realidade prática vivida ter se ligado tão bem aos conteúdos estudados e um privilégio que o contexto acadêmico pudesse ser ampliado pelo profissional e vice-versa.

Desde já, desejo delimitar que ao mencionar o termo grupo, esse se refere a um conjunto restrito de pessoas movidas por necessidades semelhantes, que se reconhecem em sua singularidade e desenvolvem uma ação interativa em torno de uma tarefa (Castanho, 2017; Pichon-Rivière, 1983/2000). Independentemente de sua configuração, ele apresenta uma estrutura, um sistema de comunicação e uma forma de vinculação entre seus membros, caracterizando uma nova entidade com mecanismos e dinâmicas próprias. O grupo terapêutico/psicoterapêutico, especificamente, apresenta ainda requisitos como possuir um objetivo (de cura ou de promoção de saúde) e um coordenador (neste caso, o psicólogo), que irá identificar e trabalhar os fenômenos expressos (Ávila, 2016; Pichon-Rivière, 1983/2000; Zimmerman, 2000).

O conceito de tarefa em um grupo está simultaneamente ligado aos seres humanos que a executam (Bleger, 1979-2003; Castanho, 2017). Não é o trabalho em si, mas as condições humanas que permeiam o grupo que promovem cura, sendo algo espontâneo que surge verdadeiramente a partir do enquadramento do ser humano na tarefa, integrado em seu sentir, pensar e agir. “O mais alto grau de eficiência da tarefa é obtido quando se incorpora sistematicamente a ela o ser humano total” (Bleger, 1979/2003, p. 60). E esse também é um princípio que norteia o trabalho no SUS: a integralidade, o ser humano em sua totalidade.

Os fenômenos grupais sempre demandaram novas contribuições epistemológicas, que enfocassem o que fosse peculiar ao campo grupal. Assim, desde as contribuições de Sigmund Freud, que forneceu um substrato riquíssimo para o entendimento do que se passa no campo

das interações grupais a partir de sua busca pela compreensão das motivações inconscientes (Ávila, 2016; Freud, 1921/2006; Pagés & Ávila, 2003; Pichon-Rivière, 1983/2000); passando por Kurt Lewin com os estudos das dinâmicas dos grupos humanos e dos microgrupos (Mailhiot, 2013), por Jacob Levy Moreno que concebeu a técnica do Psicodrama e cunhou o termo “psicoterapia de grupo” no início dos anos 1930 (Moreno, 1959); até as mais recentes contribuições de René Kaës (Kaës, 2007); e incluindo-se o enriquecimento ofertado pela Teoria Sistêmica e pelos estudos sobre a comunicação humana (Osório, 2003; Silveira, 2015); foi constituindo-se toda uma nova disciplina das Teorias de Grupo.

Já a análise de grupo, propriamente dita, floresceu principalmente na Grã-Bretanha, com S. H. Foulkes e W. R. Bion a partir de 1940 (Fernandes, 2003; Mello Franco, 2003). Porém, houve na América Latina uma escola de análise de grupo, resultante dos trabalhos de Enrique Pichon-Rivière a partir do ano de 1938 (Tubert-Oklander & Tubert, 2004). O intercâmbio entre esses autores foi escasso, uma vez que Pichon-Rivière não documentava seus trabalhos de forma escrita e seus textos publicados posteriormente não foram traduzidos para outras línguas. Podemos considerar que o nome de Pichon-Rivière talvez seja pouco citado, levando-se em conta sua importância na articulação da Psicanálise clássica com a Psicologia Social (Fernandes & Svartman, 2003; Tubert-Oklander & Tubert, 2004).

Com seu conjunto de conceitos e modelos para a compreensão de grupos e sua operação, Pichon-Rivière desenvolveu sua abordagem à coordenação grupal e considerou que essa poderia ser aplicada a todo tipo de grupo, incluindo grupos terapêuticos. Assim, Grupos Operativos é o nome dado a toda uma concepção de vida em grupos e a melhor maneira de conduzi-los, abrangendo todo tipo de trabalho grupal, se sua operação for conduzida de acordo com essa filosofia e trazer a possibilidade de modificação criativa e adaptação ativa à realidade (Pichon-Rivière, 1983/2000; Tubert-Oklander & Tubert, 2004).

Em sua teoria do vínculo, Pichon-Rivière desenvolveu o estudo das relações interpessoais, concebendo a pessoa humana em sua totalidade, integrada por três dimensões: a mente, o corpo e o mundo exterior. Aproximou-se de uma Psicologia Social e buscou estudar os sujeitos não isoladamente, mas incluídos em um grupo, empreendendo uma investigação sociodinâmica e psicossocial (Fernandes & Svartman, 2003; Pichon-Rivière, 1982/2000).

Podemos dizer que o pensamento de Pichon-Rivière faz correspondência com as propostas de pesquisa qualitativa e de pesquisa-ação, que reconhecem não haver uma verdade definitiva ou estável no mundo, devido às inúmeras contingências que o permeiam. A Teoria de Grupos Operativos que embasa esta Dissertação, também entende que o processo de aprendizagem e de mudança é de constante incremento, a partir de saltos qualitativos e rupturas com aspectos que já não servem mais (Bleger, 1979/2003; Pichon-Rivière, 1983/2000). Essa teoria representa ainda muito de minha própria maneira de entender o mundo. Como Pesquisadora, busquei empreender um olhar mais relativista e problematizador em relação aos sujeitos pesquisados, reconhecendo-os em sua subjetividade viva/dialética. Dessa forma, a partir desse norteador, os métodos para os estudos desta Dissertação foram delineados, os objetivos foram alinhados e as necessárias escolhas foram feitas.

Traçando um panorama histórico sobre a utilização dos grupos no Brasil, questionamentos foram suscitados em mim sobre a compreensão tida por profissionais e pela população em geral sobre o uso dessa ferramenta como recurso terapêutico. A partir da observação do percurso das práticas grupais no país, justificativas para realização dos Estudos propostos para esta Dissertação puderam ser levantadas.

Observemos que a prática de terapias grupais no Brasil começou de forma entusiasta. Influenciados pelos ensinamentos de Pichon-Rivière, psicanalistas brasileiros, tais como David Zimmerman e Alcyon Baer Bahia, retornaram da Argentina trazendo seu aprendizado sobre grupo e aplicaram-no em diferentes contextos, o que propiciou grande desenvolvimento

das atividades de grupo entre os anos 1950 e 1970. A década de 1960 marcou a expansão das psicoterapias analíticas de grupo (PAG) no país, com a criação de diversas sociedades dedicadas à análise de grupo e a busca de sua validação e afirmação diante da psicanálise tradicional (Mello Franco, 2003; Penna & Castanho, 2015; Silveira, 2015). Apesar de sua expansão e qualidade, um paradoxo sempre acompanhou a atividade: “Se por um lado a PAG estendia sua força e eficiência em um terreno cultural muito rico, por outro, nunca se livrou da pecha de ser uma psicanálise dos pobres” (Mello Franco, 2003, p. 22).

A partir dos anos 1970, a psicoterapia grupal passou por momentos traumáticos durante a Ditadura Militar, que encerrou serviços mantidos em instituições e passou a monitorar atividades de alguns psicoterapeutas de grupo. Infelizmente, após o fim desse período, ao invés de se fortalecerem as qualificações e o rigor dos coordenadores de grupos, a diminuição de treinamentos e o fechamento de várias sociedades de psicoterapia grupal levaram à superficialidade da aplicação das técnicas grupais. Também em decorrência desse processo histórico, a psicoterapia de grupo hoje, muitas vezes, é defendida apenas com base no incentivo à capacidade do sistema público de fornecer tratamento de baixo custo, tendendo a ser vista como atividade que não exige treinamento específico (Castanho, 2018; Penna & Castanho, 2015; Silveira, 2015).

A reforma psiquiátrica e a implementação do novo SUS, no final da década de 1980 estimulou uma nova demanda por grupos no Brasil nos setores públicos e contribuiu para a entrada dos psicólogos nesses espaços institucionais (Cintra & Bernardo, 2017; Penna & Castanho, 2015). As práticas grupais no cotidiano do SUS integram a lista de orientação dos serviços proposta pelo Ministério da Saúde, por serem consideradas ferramentas que ampliam o entendimento do usuário sobre seus problemas e, conseqüentemente, favorecem mudanças nos hábitos de vida que constituam risco à saúde (Brasil, 2013, 2015). Podemos dizer que os

grupos são ferramentas disponíveis e condizentes com os princípios da universalidade e da integralidade que norteiam o trabalho no SUS.

Dessa forma, os Estudos propostos podem contribuir com a reflexão sobre as práticas grupais no SUS, apontando pistas para o aperfeiçoamento do trabalho desenvolvido por psicólogos, contribuindo para a superação de possíveis dificuldades que permeiam suas práticas e para ressignificação de seus atendimentos dentro dos propósitos do SUS e da RAPS. Consequentemente, podem consolidar empreendimentos para se pensar em intervenções com maior responsabilidade social e política/econômica, considerando-se o contexto da cidade pesquisada, além de poderem proporcionar aos usuários, por conseguinte, uma melhor qualidade de assistência.

Considerando o panorama apresentado sobre o desenvolvimento de grupos no Brasil, sua tradição e solidez teórica, sua pertinência para o trabalho no serviço público de saúde e a especificidade do trabalho grupal desenvolvido no município pesquisado, o Problema que se configurou para esta Dissertação foi: como os usuários atendidos no âmbito do SUS e os profissionais desse Sistema compreendem e vivem o uso da ferramenta grupos?

A seguir, apresento o desenrolar dessa questão por meio dos Estudos:

- 1- Atendimento psicológico grupal: experiências de usuários do Sistema Único de Saúde; e
- 2- Grupo operativo com psicólogos do SUS: das armadilhas ao brincar.

RESUMO ESTUDO 1

Este estudo apresenta como tema a intervenção psicológica na modalidade grupal, ocorrida na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de um município do interior mineiro, a partir do olhar de seus usuários. O objetivo geral pretendido foi refletir sobre como os usuários do SUS, atendidos em modalidades grupais, vivem e significam o uso dessa ferramenta. Especificamente, foi buscado investigar a formação de vínculos entre os Participantes; compreender se a participação no grupo favorecia a implicação do usuário em seu próprio cuidado; e refletir se havia aprendizagens por parte dos usuários, no sentido do movimento dialético propiciado pelo processo grupal (Bleger, 1979/2003; Pichon/Rivière, 1983/2000).

O estudo realizado é descritivo, de corte transversal e de enfoque qualitativo. Vinte (20) usuários participaram desta investigação. Eles eram atendidos por psicólogos, na modalidade grupal, em equipamentos de atenção primária ou no equipamento ambulatorial de atenção secundária da rede SUS, de um município de médio porte do interior mineiro. Vinte por cento (20%) eram homens e oitenta por cento (80%) mulheres, com média de idade de 47,5 anos e tempo de participação em atendimentos grupais de 1 ano e 5 meses em média.

Entrevistas abertas foram utilizadas como estratégias para acessar as experiências dos usuários (Bleger, 1979/2003). Por meio delas, observa-se parte da vida do Entrevistado e, um campo específico, relacional, que também engloba o entrevistador, é desenvolvido (Bleger, 1979/2003). A amostragem ocorreu por saturação, o que significa que o número de Entrevistados foi fechado após as informações coletadas terem passado a apresentar padrões repetidos de conteúdos (Fontanella et al., 2011).

Para organização e realização da análise dos dados obtidos foi utilizado o procedimento de Análise Temática (AT). Esse método procura identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro do conjunto de dados, procurando descrevê-los detalhadamente. O

procedimento de AT é processual e apresenta seis fases interdependentes: (1) Familiarização com os dados; (2) Geração de códigos; (3) Procura por/agrupamento de temas potenciais; (4) Revisão/refinamento de temas; (5) Definição e nomeação de temas essenciais, em consonância com objetivos da pesquisa; e, por fim, (6) Produção do relatório (Braun & Clarke, 2006).

Os temas extraídos das vivências de entrevistar usuários de equipamentos de atenção à saúde do SUS foram: *Descobrir-se igual; Limites e alcances da expressão em grupo; Saúde propiciada pelo grupo*. Estes permitiram legitimar o grupo como prática promotora de mudanças em seus membros. Foi constatado diálogo entre o vivido e o apresentado na literatura sobre suas potencialidades terapêuticas, de promoção de saúde e de criação de vínculos.

Foi propriedade reconhecida pelos Participantes que o grupo podia reconduzi-los à sensação de pertencimento a um todo e à redescoberta de si, a partir da identificação e das trocas estabelecidas entre seus membros. O grupo narrado por eles favorecia a diminuição do distanciamento entre o eu e o outro e reaproximava-os de diferentes situações do mundo, sendo o vínculo estabelecido na situação grupal alimento para eles continuarem participando do processo terapêutico.

Os Entrevistados trouxeram vivências grupais internalizadas como fomentadoras de autocuidado e cuidado para com seus pares, que poderiam ser preditoras da saúde possível de ser alcançada no grupo. Em todos os eixos temáticos elencados foram observados aspectos relacionados à aprendizagem propiciada pelo grupo. Através do contínuo reflexão-ação-nova percepção, os Participantes pareciam se apropriar de saltos qualitativos em seus tratamentos.

A aquisição de novos repertórios para expressão de si e para comunicação com o outro também denotavam noções de novas aprendizagens viabilizadas no âmbito do trabalho grupal. Tais aprendizagens perpassavam o entendimento do que seria estar em grupo e de que as

transformações pretendidas implicavam na ação do próprio Participante no grupo que integrava.

Por outro lado, a oferta (ou a falta) de atendimento individual impregnava-se nas falas de alguns Participantes. Em alguns momentos, a ideia do grupo foi relativizada em favor de uma suposta forma de atenção especializada, própria do atendimento privativo, a qual o grupo não poderia prover. Esse atravessamento também poderia representar um desconhecimento, por parte da população em geral, não somente sobre o trabalho que seria possível de ser desenvolvido em grupo, mas, também, sobre o trabalho do psicólogo. Afinal, como sugerido em alguns depoimentos, o potencial do grupo era reconhecido à medida que dele se participava, por meio de um aprendizado conjunto. Outra questão levantada também por poucos Participantes, mas que deveria ser cuidadosamente considerada, foi o sigilo a ser mantido no grupo e os melindres a ele subjacentes. Essa questão foi tratada com desconfiança e apresentou-se como um desafio ético a ser dialogado por profissionais, diuturnamente.

Todos esses aspectos reforçam que o diálogo sobre a realização de grupos psicoterapêuticos no contexto do SUS não pode ser interrompido. Esse estudo apresentou um panorama geral a respeito da compreensão de parcela de usuários atendidos na modalidade grupal, tanto na Atenção Básica quanto em um Ambulatório de Especialidade Psicossocial no SUS. Há diferenciações necessárias relativas a esses dois equipamentos que precisam ser levadas em consideração em estudos futuros, mas que nesse momento não foram objeto de atenção.

RESUMO ESTUDO 2

O tema apresentado neste estudo é a vivência de um Grupo Operativo com psicólogos atuantes em Unidade Ambulatorial de Atenção Especializada de um município do interior mineiro, que buscou refletir sobre a intervenção psicológica na modalidade grupal.

O objetivo pretendido foi compreender como esses psicólogos percebiam o trabalho grupal que ofereciam em suas práticas laborais, a partir de vivências em Grupos Operativos. Dentre os objetivos específicos buscados estavam: investigar como a trajetória acadêmica dos psicólogos influencia em seu trabalho com grupos; compreender as representações do trabalho grupal e de seus processos na perspectiva dos profissionais psicólogos; refletir sobre as potencialidades e dificuldades da ferramenta grupo apresentadas pelos profissionais e identificar aspectos relativos à aprendizagem dos profissionais em relação à proposta do Grupo Operativo.

O Estudo desenvolvido foi do tipo pesquisa-ação e esteve amparado no enfoque clínico-qualitativo (Bleger, 1979/2003, Pichon-Rivière, 1982/2000, 1983/2000). Os Participantes foram dez (10) psicólogos de cargo efetivo, atuantes em um Ambulatório de Atendimento Psicossocial de um município do interior mineiro. Eles eram, em sua maioria, mulheres (90%), com média de idade de 45 anos, média de tempo de formado de 22 anos e 6 meses, média de tempo de trabalho no SUS de 13 anos e 5 meses e média de tempo de trabalho no serviço pesquisado de 1 ano e 3 meses.

O processo investigativo foi desenvolvido a partir do modelo teórico, técnico e filosófico dos Grupos Operativos, que é marcado por uma ideia de construção conjunta da realidade e propõe uma visão integradora do homem em situação (Bleger, 1979/2003; Pichon-Rivière, 1983/2000). Foram realizados três (3) encontros grupais, com duração média de duas (2) horas, em três (3) semanas consecutivas. Todos os encontros foram motivados pela tarefa

explícita informada aos Participantes: pensar o processo grupal e pensar o próprio fazer profissional a partir da vivência de coordenar grupos.

A análise dos dados, a partir dos emergentes grupais levantados durante as sessões de Grupo Operativo realizadas, se deu com base em procedimentos próprios desta técnica e respeitando o tipo de estudo realizado: pesquisa-ação aderente ao método clínico-qualitativo (Bleger, 1979/2003, Pichon-Rivière, 1982/2000, 1983/2000). O enfoque dado sobre os dados obtidos foi priorizado em seu caráter horizontal, o que diz respeito ao Grupo pensado e considerado em sua totalidade. Os dados obtidos pelas vivências grupais foram interpretados à luz do referencial teórico da Psicanálise, guiados especialmente pelos autores latino-americanos de Grupos Operativos: Bleger (1979/2007) e Pichon-Rivière (1983/2000).

Foram identificados três eixos a partir da análise dos dados: 1) Entre o novo e o velho, o conhecido e o desconhecido – Pegos em uma arapuca?; 2) Pés de bailarina: desafios e ensaios para um espetáculo conjunto; e 3) Brincando a gente vira amigo – Podemos ser grupo?

A pesquisa-ação realizada, associada às construções feitas a partir dos Grupos Operativos, permitiu acessar conteúdos importantes relativos ao processo grupal vivido. Poderíamos dizer que o Grupo em questão pôde ser agente de transformação, constituindo-se como recurso auxiliar no processo de aprendizagem dos profissionais participantes e promotor de espaço de pertença dos mesmos.

A confluência entre método e objetivo de pesquisa, retomando o fato de os Participantes serem formados em Psicologia e atuantes na área, pareceu permitir a eles aliar a experiência vivida a processos de (re)compreensão do que seria um Grupo e, de como ser (re)integrante de um Grupo poderia ser possibilidade cotidiana. Seria plausível inferir que, por meio das peculiaridades grupais de comunicação, vinculação e experimentação de papéis, o Grupo percorreu caminhos de (re)descobertas e de potenciais. Nesse sentido, poderíamos

destacar a amplitude do processo vivido em relação à aprendizagem adquirida conjuntamente pelos profissionais, durante a realização da tarefa grupal, que era pensar o próprio fazer como coordenadores de grupo *em Grupo*.

Por meio da análise dos emergentes grupais, foram percebidas dicotomias relacionadas ao trabalho individual e grupal, entre o desejo de conhecimento/participação, entre o que se desejou ser como psicólogo e a realidade institucional vivida no momento laboral e de coleta de dados. O processo grupal se mostrou como facilitador da expressão das dificuldades vividas na realização do trabalho “exterior” com grupos (atuação profissional) e “interior” ao Grupo Operativo oferecido (participação na pesquisa).

O movimento grupal implicou em viver-pensar a importância do cuidado consigo mesmo e com o(s) outro(s). O Grupo Operativo promoveu espaço para que esses profissionais pudessem se encontrar, falar de suas fantasias, medos e angústias. A vivência grupal pareceu ter favorecido o desenvolvimento de recursos intrínsecos aos seus atores, que demonstraram se apoiar nas trocas estabelecidas para o fortalecimento de si mesmos como Grupo.

Contudo, foi possível perceber que o atendimento individual foi algo que permeou o imaginário dos profissionais, seja na realização de comparações entre as diferentes modalidades de atuação profissional ou na questão da formação que evidenciava um saber psicológico baseado na escuta individual. Aspectos relacionados à formação dos profissionais para o trabalho grupal estiveram em andamento quando esses atrelaram suas visões do acontecer clínico à formas de compreendê-lo a partir de um modelo supostamente “tradicional”, basicamente sinônimo de atendimento individual, requerido para realizarem seu trabalho como coordenadores de grupos psicoterapêuticos. A pesquisa-ação desenvolvida pôde ter demonstrado, por meio das experiências compartilhadas, que “grupo” não precisaria ser concebido como algo de menor valia, mas, sim, como ferramenta possível para facilitar transformações e fomentar potenciais encontros humanos.

Considerações finais da Dissertação

A presente Dissertação foi idealizada a partir da observação da realidade prática de meu trabalho. E foi consolidada a partir de minha curiosidade em ouvir profissionais e usuários do SUS sobre suas vivências relacionadas ao trabalho grupal, considerando suas dificuldades e aprendizagens relacionadas à participação em grupos terapêuticos/psicoterapêuticos e as percepções tidas ao adentrarem em seus respectivos campos grupais.

Os estudos realizados puderam contribuir para algumas respostas a esses levantamentos e para compreensão de aspectos relacionados ao trabalho desenvolvido no município pesquisado. Neste momento, buscarei retomar pontos importantes dos dois Estudos desenvolvidos, procurando estabelecer um paralelo entre os mesmos e evidenciar o que lhes foi comum.

As entrevistas com usuários atendidos na Rede de Atenção Psicossocial propiciaram a percepção de que o trabalho grupal desenvolvido no contexto pesquisado pode ser considerado uma ferramenta de potencialidades terapêuticas, de promoção de saúde e de criação de vínculos. Os Entrevistados relataram aprendizagens a partir da participação em seus respectivos grupos, que aparentemente podiam reconduzi-los à sensação de pertencimento a um todo e à redescoberta de si, a partir da identificação e das trocas estabelecidas no campo grupal.

No segundo estudo realizado, por meio das peculiaridades de uma pesquisa-ação, foi possível inferir que os profissionais Participantes percorreram um caminho de (re)descobertas e mudanças relacionadas ao processo grupal. Destaco a amplitude do processo vivido em relação à aprendizagem adquirida conjuntamente pelos profissionais durante a realização da tarefa grupal, que era pensar o próprio fazer enquanto coordenadores de grupo.

Dificuldades relacionadas à formação para o trabalho com grupos, questões institucionais e a preocupação com a gravidade do adoecimento mental dos usuários atendidos, contudo, foram aspectos mencionados pelos profissionais pesquisados. Em relação aos usuários, embora apresentada por poucos Participantes, a questão relacionada ao sigilo a ser mantido no grupo foi levantada. Esse foi tratado com desconfiança e necessitaria, pois, ter a devida atenção dos profissionais coordenadores de grupos.

Os estudos anunciaram que a ferramenta grupo, apesar de sua tradição técnica e teórica, podia representar uma novidade na forma de cuidado por parte de profissionais e usuários atendidos, considerando-se o serviço público. O atendimento clínico individual perpassou as falas tanto dos Participantes do primeiro Estudo quanto as dos Participantes do segundo Estudo, que faziam comparações entre essa modalidade e o atendimento grupal. Alguns dos usuários Entrevistados apresentaram dúvida inicial quanto a participarem dos grupos terapêuticos, sugerindo que prefeririam o atendimento individual (embora posteriormente tenham relatado ter gostado do processo grupal). E os psicólogos Participantes, por sua vez, fizeram menção ao aprendizado acadêmico tradicionalmente alicerçado na clínica individual, não sendo consensual durante o processo de pesquisa que os grupos seriam uma técnica para atender aos usuários em todas as suas demandas.

Esses apontamentos sustentam que o discurso sobre um suposto saber especializado, próprio do atendimento privativo, que o grupo em si não poderia fornecer, ainda permeia o entendimento sobre o “fazer” psicológico. Esse atravessamento também pode representar um desconhecimento por parte da população em geral, visto que o potencial do grupo parece ser reconhecido à medida que dele se participa/aprende. Digo isso tanto em relação aos usuários do SUS quanto aos profissionais que se dispõem a vivenciar o processo grupal.

Em relação aos psicólogos, coordenadores de grupos, a pesquisa-ação realizada pareceu indicar que é importante estar claro para o próprio profissional que os grupos não são

algo de menor valia, mas sim uma ferramenta poderosa de transformação e potencialidades. Nesse sentido, a necessidade de reflexão sobre o uso das psicoterapias grupais e/ou encontros coletivos, a formação dos profissionais para esse tipo de atendimento, a organização institucional e a coerência entre os diferentes membros envolvidos seriam fundamentais para realização de um bom trabalho e assistência aos usuários.

Os Estudos desenvolvidos estiveram ligados ao cenário que se delineava em um município específico e os dados obtidos foram interpretados a partir da especificidade desse contexto. Levando em conta o embasamento de uma de pesquisa qualitativa, reconheci a processualidade do objeto pesquisado e a importância de que ele fosse observado ali, naquele tempo e lugar. Acredito, porém, que outras pessoas, cidades e situações também poderão se beneficiar desse conjunto em suas realidades específicas e que os resultados obtidos nessa Dissertação poderão contribuir para construção de um conhecimento e ser referência ou inspiração para ação do psicólogo.

A partir do olhar do usuário atendido e do psicólogo coordenador de grupo, também se poderão empreender ações para o aperfeiçoamento do trabalho desenvolvido e para a avaliação do alcance de políticas de atenção à saúde implantadas, mesmo quando cenários discrepantes estiverem sob enfoque. Não poderia perder de vista, claro, que esta foi apenas uma pesquisa e que outras necessariamente virão, articulando-lhes novas perguntas.

Nesse trabalho não propus enaltecer uma prática clínica em detrimento de outra, apenas observei que não seria necessário restringir o trabalho da Psicologia no serviço público às práticas clínicas individuais e que o psicólogo atuante no SUS poderia lançar mão de estratégias, como a psicoterapia/terapia grupal, para oferecer um atendimento de qualidade à população. Tendo em vista a crescente demanda por atendimentos psicológicos, seria necessário que a categoria considerasse seu papel, na observância dos princípios da universalidade e da integralidade no SUS.

Neste momento, gostaria de relembrar o enquadre teórico pichoniano, inspiração e norte para realização desse trabalho de pesquisa, que concebe o homem enquanto ser social, relacional e potente para se modificar e modificar aos outros com quem se vincula. Também desejo sinalizar o quão trabalhoso pode ser o desenvolvimento de estratégias para o levantamento de dados neste cenário “qualitativo”, lidando concomitantemente com o campo grupal e os imperativos de adequação ao discurso acadêmico. Nós, que nos inspiramos na proposta dos Grupos Operativos de Pichon-Rivière, temos sido desafiados a desenvolver estratégias que permitam o uso desse dispositivo como meio para acessar as experiências de pessoas investigadas, buscando meios de aproximação entre o fazer clínico grupal e a produção de conhecimento.

Ao finalizar essa Dissertação, pude entender que a pesquisa é um processo de comunicação. E, durante todo o processo desenvolvido, busquei me comunicar de um lugar singular, na tentativa de dar voz aos Participantes e visibilidade aos dados colhidos, às respostas surpreendentes, inesperadas e aos detalhes. Acredito que em uma pesquisa, Participante e Pesquisador podem ser transformados. Eu me modifiquei a cada troca e a cada debruçar-me nas complexidades vividas. Tomara que todos aqueles que compartilharam comigo desse processo também tenham se transformado por meio desses encontros promovidos.

Referências da Dissertação

- Alexandre, M. L., & Romagnoli, R. C. (2017). Prática do psicólogo na atenção básica – SUS: conexões com a clínica no território. *Contextos Clínicos*, 10(2), 284-299. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2017.102.12>.
- Araújo, J. H. Q., & Jacó-Vilela, A. M. (2018). A experiência com arte na Colônia Juliano Moreira na década de 1950. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 25(2), 321-334. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702018000200002>
- Ávila, L. A. (2016). *Grupos: Uma perspectiva psicanalítica*. São Paulo: Zagodoni.
- Bleger, J. (2003). *Temas de Psicologia: Entrevista e grupos* (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979).
- Bolorini, P. A. S. (2016). Receios e expectativas de clientes e psicólogos acerca da psicoterapia de grupo. *Revista IGT na Rede*, 13(24), 134-172. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1807-5262016000100009&lng=en&nrm=iso.
- Brasil (1990). *Lei 8080 Lei n. 8.080 de 19 de setembro de 1990*. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm.
- Brasil (2011). *Portaria n. 3.088, de 23 de dezembro de 2011*. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas SUS. Recuperado de: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html.
- Brasil (2012). *PNAB: Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília: Autor. Recuperado de: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>.
- Brasil (2013). *Cadernos de Atenção Básica: Saúde Mental* (vol. 34). Brasília: Autor. Recuperado de: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_34_saude_mental.pdf.
- Brasil (2015). *Cadernos Humaniza SUS: saúde mental* (vol. 5). Brasília: Autor. Recuperado de: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_mental_volume_5.pdf.
- Brasil (2017). *Portaria n. 3.588, de 21 de dezembro de 2017*. Altera as Portarias de Consolidação n.º 3 e n.º 6, de 28 de setembro de 2017, para dispor sobre a Rede de Atenção Psicossocial. Recuperado de: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3588_22_12_2017.html.
- Brasil (2020). *Nota Técnica n.3, de 12 de dezembro de 2020*. Ministério da Saúde. Assunto: Núcleo ampliado de saúde da família e atenção básica (NASF-AB) e Programa Previne Brasil. <https://www.conasems.org.br/wp-content/uploads/2020/01/NT-NASF-AB-e-Previne-Brasil.pdf>.

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>.
- Castanho, P. (2014). Sobre como trabalha um analista ao coordenar um grupo. *Vínculo*, 11(2), 1-52. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v11n2/n2a06.pdf>.
- Castanho, P. (2017). Sobre a questão da tarefa no grupo: Aspectos psicanalíticos e psicossociais. In: T. S. Emidio, & M. Y. Okamoto (Orgs.), *Perspectivas psicanalíticas atuais para o trabalho com famílias e grupos na universidade* (pp. 87-101). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Castanho, P. (2018). *Uma introdução psicanalítica ao trabalho com grupos em instituições*. São Paulo: Linear-Abarca.
- Cela, M., & Oliveira, I. F. (2015). O psicólogo no Núcleo de Apoio à Saúde da Família: Articulação de saberes e ações. *Estudos de psicologia (Natal)*, 20(1), 31-39. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150005>.
- Cintra, M. S., & Bernardo, M. H. (2017). Atuação do psicólogo na atenção básica do SUS e a Psicologia Social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 883-896. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000832017>.
- Conselho Federal de Psicologia (2019). *Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na Atenção Básica à saúde*. (2a ed). Brasília: Autor. Recuperado de: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/11/CFP_atencaoBasica-2.pdf.
- Cruz, M. J. R. (2018). Desatando “nós”: A delicadeza e nuances na construção do vínculo com grupos em um serviço público de saúde. *Vínculo*, 15(1), 74-81. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v15n1/v15n1a08.pdf>.
- Damous, I., & Erlich, H. (2017). O ambulatório de saúde mental na rede de atenção psicossocial: Reflexões sobre a clínica e a expansão das políticas de atenção primária. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 27(4), 911-932. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000400004>.
- Dimenstein, M., & Macedo, J. P. (2010). Desafios para o fortalecimento da Psicologia no SUS: a produção referente à formação e inserção profissional. In: M. J. P. Spink (Org.). *A Psicologia em diálogo com o SUS: prática profissional e produção acadêmica* (pp. 207-234). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fernandes, W. J. (2003). A Psicoterapia grupo-analítica de Foulkes e a grupanálise de cortesão. In: W. J. Fernandes, B. Svartman, & B. S. Fernandes (Orgs.). *Grupos e configurações vinculares*. (pp. 65-73). São Paulo: Artmed.
- Fernandes, W. J., & Svartman, B. (2003). Contribuições de autores argentinos à psicanálise vincular. In: W. J. Fernandes, B. Svartman, & B. S. Fernandes (Orgs.). *Grupos e configurações vinculares*. (pp. 65-73). São Paulo: Artmed.
- Ferrazza, D. A. (2016). Psicologia e políticas públicas: desafios para superação de práticas normativas. *Revista Polis e Psique*, 6(3), 36-58. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2238-152X2016000300004&lng=pt&nrm=iso.

- Ferreira Neto, J. L., & Kind, L. (2017). Produção da saúde e de subjetividades em narrativas de usuários do SUS. *Psicologia Política*, 17(38), 166-180. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n38/v17n38a11.pdf>.
- Fontanella, B. J. B., Luchesi, B. M., Saidel, M. G. B., Ricas, J., Turato, E. R., & Melo, D. G. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: Proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(2), 388-394. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000200020>.
- Freud, S. (2006). *Psicologia das Massas e Análise do Ego*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1921).
- Guimarães, S. B., Oliveira, I. F., & Yamamoto, O. H. (2013). As práticas dos psicólogos em ambulatórios de saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 664-673. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n3/20.pdf>.
- Kaës, R. (2007). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo, SP: Loyola.
- Mailhiot, G. B. (2013). Dinâmica e gênese dos grupos: atualidades das descobertas de Kurt Lewin. Petrópolis: Vozes.
- Maireno, D. P., Sei, M. B., & Zanetti, S. A. S. (2016). O ensino da técnica grupal na graduação em Psicologia. *Vínculo*, 13(1), 20-32. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v13n1/v13n1a03.pdf>.
- Mello Franco, O. Filho. (2003). Primórdios: Psicoterapia analítica de grupo – a trajetória de uma ideia e de uma práxis. In: W. J. Fernandes, B. Svartman, & B. S. Fernandes (Orgs.). *Grupos e configurações vinculares*. (pp. 21-31). São Paulo: Artmed.
- Melo, E. A., Miranda, L., Silva A. M., & Limeira, R. M. N. (2018). Dez anos dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (Nasf): Problematicando alguns desafios. *Saúde em Debate*, 42(1), 328-340. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42nspe1/0103-1104-sdeb-42-spe01-0328.pdf>.
- Menezes, K. K. P., & Avelino, P. R. (2016). Grupos operativos na atenção primária à saúde como prática de discussão e educação: uma revisão. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 24(1), 124-130. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711422>.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (11a ed.). Rio de Janeiro: Hucitec.
- Moreno, J. L. (1959). *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou.
- Nogueira, A. L. G., Munari, D. B., Fortuna, C. M., & Santos, L. F. (2016). Pistas para potencializar grupos na atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(5), 964-971. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2015-0102>.
- Oliveira, I. F., Amorim, K. M. O., Paiva, R. A., Oliveira, K. S. A., Nascimento, M. N. C., & Araújo, R. L. (2017). A atuação do psicólogo nos NASF: Desafios e perspectivas na atenção básica. *Temas em Psicologia*, 25(1), 291-304. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.1-17Pt>.

- Oliveira, J., Borges, C. A. P., Castanho, P. C. G., & Santeiro, T. V. (2018). Práticas grupais no âmbito jurídico brasileiro focadas na violência: Revisão integrativa. *REFACS*, 6(4), 785-795. <https://doi.org/10.18554/refacs.v6i4.3294>.
- Osório, L. C. (2003). Entendendo e atendendo sistemas humanos. In: Fernandes, W. J., Svartman, B. & Fernandes, B. S. *Grupos e configurações vinculares*. (pp 57-62). São Paulo: Artmed.
- Pagés, C. & Ávila, A. L. (2003). Visão Freudiana dos Grupos: da horda ao vínculo. In: W. J. Fernandes, B. Svartman, & B. S. Fernandes (Orgs.). *Grupos e configurações vinculares*. (pp. 75-85). São Paulo: Artmed.
- Paiano, M., Maftum, M. A., Haddad M. do C. L., & Marcon, S. S. (2016). Ambulatório de saúde mental: fragilidades apontadas por profissionais. *Texto contexto – enfermagem*, 25(3), 1-10. <https://doi.org/10.1590/0104-07072016000040014>.
- Penna, C., & Castanho, P. (2015). Group analytic psychoterapy in Brazil. *International Journal of Group Psychotherapy*, 65(4), 637-646. <https://doi.org/10.1007/s10615-011-0342-5>.
- Pereira, E. R., & Sawaia, B. B. (2020). *Práticas grupais: espaço de diálogo e potência*. São Carlos: Pedro & João.
- Pichon-Rivière, E. (2000). *Teoria do vínculo* (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1982).
- Pichon-Rivière, E. (2000). *O processo grupal* (6a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1983).
- Pitombeira, D. F., Xavier, A. S., Barroso, R. E. C., & de Oliveira, P. R. S. (2016). Psicologia e a formação para a saúde: Experiências formativas e transformações curriculares em debate. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(2), 280-291. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001722014>.
- Silveira, F. (2015). O trabalho com grupos e as fronteiras do movimento analítico brasileiro: 1967 a 1976. *Jornal de Psicanálise*, 48(88), 257-270. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000100022.
- Spink, M. J. P. (2013). A formação do Psicólogo para atuação em instituições de saúde. In: M. J. P. Spink. (Org.), *Psicologia Social e Saúde: Práticas, saberes e sentidos* (pp. 132-140). Petrópolis: Vozes.
- Tubert-Oklander, J., & Tubert, R. H. (2004). *Operative groups: the latin-american approach to group analysis*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Vacheret, C. (2008). A Fotolinguagem©: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 180-191. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v10n2/v10n2a14.pdf>.
- Zimerman, D. E. (2000). *Fundamentos básicos das Grupoterapias*. (2a ed.). Porto Alegre: Artmed.

APÊNDICE A

Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Participantes Estudo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para participantes do grupo dos usuários do SUS)

ESCLARECIMENTO

Convidamos você a participar da pesquisa: Pensando o processo Grupal: vivências de usuários e trabalhadores de um município do interior mineiro. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre como os usuários do SUS atendidos em grupo terapêutico percebem esse tipo de atendimento em relação à satisfação de suas necessidades de saúde. Sua participação é importante, pois a opinião dos usuários pode apontar pistas para o aperfeiçoamento do trabalho desenvolvido nas unidades de saúde. A partir dos dados levantados, pode ser proporcionada uma melhor qualidade de assistência, considerando-se o contexto da cidade pesquisada. Caso você aceite colaborar com esta pesquisa será necessário participar de uma entrevista com os pesquisadores. Esta entrevista será realizada na Unidade em que você já realiza atendimento, em uma sala reservada e que preserve o sigilo dos dados. A entrevista terá tempo estimado de 40 minutos e se você permitir será audiogravada e depois transcrita, porém em momento algum seu nome será divulgado. Será tomada a precaução de que o dia agendado para coleta de dados seja o dia em que você já se encontre presente na Unidade, mas caso você seja onerado de alguma forma (transporte, alimentação), todos os gastos serão arcados pelos pesquisadores. A pesquisa proposta não apresenta riscos à sua integridade física, uma vez que se trata de uma pesquisa qualitativa que terá como instrumento de coleta de dados uma entrevista, que trabalha com conteúdos falados pelos participantes. Você será solicitado apenas para se expressar verbalmente a respeito de temas relacionados à vivência no grupo terapêutico em que participa. Mas caso você se sinta afetado pelos temas propostos e não se sinta bem por expressar conteúdos de ordem pessoal, cabe aos pesquisadores responsáveis lhe acolher e encaminhar para intervenção profissional, caso deseje.

Espera-se que sua participação na pesquisa contribua para sua reflexão sobre sua própria saúde; assim como possa colaborar para o aperfeiçoamento dos atendimentos oferecidos a você e a outros usuários. Você poderá obter quaisquer informações relacionadas a sua participação nesta pesquisa, a qualquer momento que desejar, por meio dos pesquisadores do estudo. Sua participação é voluntária, e em decorrência dela você não receberá qualquer valor em dinheiro. Você não terá nenhum gasto por participar nesse estudo, pois qualquer gasto que você tenha por causa dessa pesquisa lhe será ressarcido. Você poderá não participar do estudo, ou se retirar a qualquer momento, sem que haja qualquer constrangimento junto aos pesquisadores, ou prejuízo quanto ao atendimento que recebe na Unidade de Saúde em que participa, bastando você dizer ao pesquisador que lhe entregou este documento que não deseja participar. Você não será identificado neste estudo, pois a sua identidade será de conhecimento apenas dos pesquisadores da pesquisa, sendo garantido o seu sigilo e privacidade. Você tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que você sofra em decorrência dessa pesquisa.

Contato dos pesquisadores:

Nome: Beatriz Lacerda Caetano
E-mail: beatrizlacerda@uberabadigital.com.br
Telefone: (34) 3313-3273
Endereço: Rua Frei Martinho Benetti, 729

Nome: Tales Vilela Santeiro
E-mail: talesanteiro@hotmail.com
Telefone: (34) 99775-3127
Endereço: Rua Barão da Ponte Alta, n.294

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3700-6803, ou no endereço Rua Conde Prados, 191, Bairro Nossa Senhora da Abadia – Uberaba – MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 11:30 e das 13:00 às 17:30. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto a sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

TÍTULO DA PESQUISA: Pensando o processo Grupal: vivências de usuários e trabalhadores do SUS.

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará o atendimento que estou recebendo na Unidade de Saúde e meu relacionamento com o profissional que me atende. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo, Pensando o processo Grupal: visões de usuários e trabalhadores de um município do interior mineiro, e receberei uma via assinada deste documento.

Uberaba,//.....

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador assistente

Telefone de contato dos pesquisadores:

Nome: Beatriz Lacerda Caetano
E-mail: beatrizlacerda@uberabadigital.com.br
Telefone: (34) 3313-3273

Nome: Tales Vilela Santeiro
E-mail: talesanteiro@hotmail.com
Telefone: (34) 99775-3127

APÊNDICE B

Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Participantes Estudo 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para participantes do grupo dos psicólogos)

ESCLARECIMENTO

Convidamos você a participar da pesquisa: Pensando o processo Grupal: vivências de usuários e trabalhadores do SUS. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre como os psicólogos atuantes no SUS percebem o trabalho com grupos neste contexto. Sua participação é importante, pois a opinião dos trabalhadores pode apontar pistas para o aperfeiçoamento do trabalho desenvolvido nas Unidades de Saúde. A partir dos dados levantados, pode ser proporcionada uma melhor qualidade de assistência, considerando-se o contexto da cidade pesquisada. Caso você aceite colaborar com esta pesquisa será necessário participar de um grupo operativo com os pesquisadores e outros psicólogos. Este grupo focal será realizado no Centro de Educação em Saúde (CES) da Secretaria Municipal de Saúde de Uberaba, ambiente reservado e que preserva o sigilo dos dados. O grupo focal terá tempo estimado de 2 horas e 30 minutos. Se você permitir, a sessão terá gravação de imagem e som, sendo posteriormente transcrita, porém em momento algum seu nome será divulgado. Será tomada a precaução de que o dia agendado para coleta de dados seja o dia em que você já se encontre presente neste local para sua reunião de educação permanente mensal, sendo liberado de suas atividades laborais para estar presente nesta atividade, conforme acordado com os responsáveis. Mas caso você seja onerado de alguma forma (transporte, alimentação), todos os gastos serão arcados pelos pesquisadores. A pesquisa proposta não apresenta riscos à sua integridade física, uma vez que se trata de uma pesquisa qualitativa que terá como instrumento de coleta de dados uma entrevista em grupo, que trabalha com conteúdos falados pelos participantes. Você será solicitado apenas para se expressar verbalmente a respeito de temas relacionados às vivências em seu trabalho com grupos terapêuticos. Mas caso você se sinta afetado pelos temas propostos e não se sinta bem por expressar conteúdos de ordem pessoal ou profissional, cabe aos pesquisadores responsáveis lhe acolher e encaminhar para intervenção profissional, caso deseje. Espera-se que sua participação na pesquisa contribua para sua reflexão sobre suas próprias atuações em consonância com os preceitos do SUS, assim como possa colaborar para o aperfeiçoamento dos atendimentos oferecidos neste contexto. Você poderá obter quaisquer informações relacionadas à sua participação nesta pesquisa e a qualquer momento que desejar, por meio dos pesquisadores do estudo. Sua participação é voluntária, e em decorrência dela você não receberá qualquer valor em dinheiro. Você não terá nenhum gasto por participar nesse estudo, pois qualquer gasto que você tenha por causa dessa pesquisa lhe será ressarcido. Você poderá não participar do estudo, ou se retirar a qualquer momento, sem que haja qualquer constrangimento junto aos pesquisadores, ou prejuízo quanto ao seu trabalho, bastando você dizer ao pesquisador que lhe entregou este documento que não deseja participar. Você não será identificado neste estudo, pois a sua identidade será de conhecimento apenas dos pesquisadores da pesquisa, sendo garantido o seu sigilo e privacidade. Você tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que você sofra em decorrência dessa pesquisa.

Nome: Beatriz Lacerda Caetano
E-mail: beatrizlacerda@uberabadigital.com.br
Telefone: (34) 3313-3273
Endereço: Rua Frei Martinho Benetti, 729

Nome: Tales Vilela Santeiro
E-mail: talesanteiro@hotmail.com
Telefone: (34) 99775-3127
Endereço: Rua Barão da Ponte Alta, n.294

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3700-6803, ou no endereço Rua Conde Prados, 191, Bairro Nossa Senhora da Abadia – Uberaba – MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 11:30 e das 13:00 às 17:30. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto a sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas.

CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

TÍTULO DA PESQUISA: Pensando o processo Grupal: vivências de usuários e trabalhadores do SUS.

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não interferirá em meu vínculo profissional e não afetará meu relacionamento com os meus superiores. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo, “Pensando o processo Grupal: visões de usuários e trabalhadores de um município do interior mineiro”, e receberei uma via assinada deste documento.

Uberaba,//.....

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador assistente

Telefone de contato dos pesquisadores:

Nome: Beatriz Lacerda Caetano

E-mail: beatrizlacerda@uberabadigital.com.br

Telefone: (34) 3313-3273

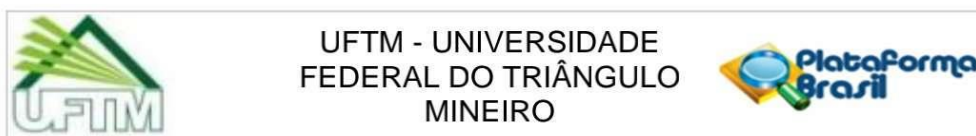
Nome: Tales Vilela Santeiro

E-mail: talesanteiro@hotmail.com

Telefone: (34) 99775-3127

ANEXO A

Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Pensando o processo grupal: visões de usuários e trabalhadores de um município do interior mineiro

Pesquisador: Tales Vilela Santeiro

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 07094819.0.0000.5154

Instituição Proponente: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.176.174

Apresentação do Projeto:

Segundo os pesquisadores:

"O tema que pretende-se desenvolver com esta pesquisa é: a realização de grupos com usuários na Atenção Básica e nas Unidades Ambulatoriais de Atenção Especializada de um município do interior de Minas Gerais, partindo-se da compreensão deste trabalho pela perspectiva dos psicólogos e usuários presentes neste cenário. É possível afirmar que ainda persiste a necessidade de uma psicologia mais acessível a uma faixa mais ampla da população, com modalidades extraclínicas que se proponham a acompanhar as pessoas em seu cotidiano, favorecendo a sua circulação social, a ampliação de seus laços e possibilidades de vida (Lima, Brito & Firmino, 2011). Sendo assim, a valorização dos processos grupais é uma forma de contribuir com estes entraves que ainda permeiam a Atenção Básica no SUS.

Quando o termo grupos é mencionado, este se refere a todo conjunto de pessoas capazes de se reconhecerem em sua singularidade, se diferenciando de um agrupamento por exercerem uma ação interativa em torno de um objetivo ou uma tarefa. O entendimento de grupo passa pelo entendimento de que ele não é apenas um somatório de pessoas, mas uma nova entidade, com mecanismos e dinâmicas próprias. E quando os grupos realizados por psicólogos são referidos, está se dizendo sobre os modos de intervenção conjuntos que têm o objetivo de promover bem-estar e saúde. (Fernandes, Svartman & Fernandes, 2003; Bleger, 1979-2003;).

É da natureza do homem interagir entre si e os fenômenos grupais acontecem em todos os

Endereço: Rua Conde Prados, 191

Bairro: Nossa Sra. Abadia

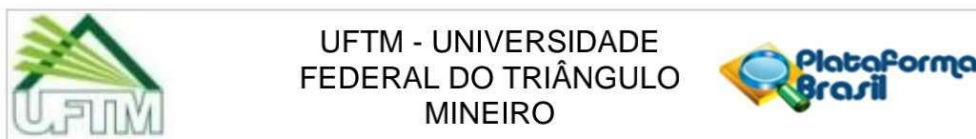
CEP: 38.025-260

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 3.176.174

grupos, sejam eles espontâneos ou terapêuticos. Entretanto, o grupo que interessa neste estudo, o grupo terapêutico tem que ter alguns requisitos, possuir um objetivo, uma tarefa a cumprir e uma organização própria, além de um coordenador (terapeuta) que irá identificar e trabalhar os fenômenos expressos pelas pessoas (Zimerman, 2000; Pichon, 1983-2000).

De acordo com os preceitos do SUS, estabelecidos pela Lei 8.080 (1990), a estruturação do Sistema se organiza em níveis de complexidade crescente, sendo as ações e serviços de saúde organizados de forma regionalizada e hierarquizada. O SUS tem ainda como princípios norteadores a universalidade do acesso, a integralidade de assistência e a equidade das ações.

A Política Nacional de Saúde Mental, descrita na Lei 10.216 (2002), dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental focada em consolidar um modelo de atenção à saúde mental aberto e de base comunitária. Ela busca garantir a livre circulação das pessoas com transtornos mentais pelos serviços, pela comunidade ou pela cidade e oferece cuidados com base nos recursos que esta oferece.

Apoiada neste pensamento, a Portaria Nº 3088 (2011) institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas no âmbito do SUS. Esta Portaria concebe uma cadeia integrada e interativa, constituída por serviços distribuídos entre os três níveis de complexidade do SUS: primário, secundário e terciário para atender as necessidades psicossociais da população. Este modelo possui uma rede de serviços e equipamentos variados, tais como, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), os Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT), os Centros de Convivência e Cultura, os leitos de Atenção Integral nos Hospitais Gerais e nos CAPS III, ações de saúde mental na Atenção Primária e Urgência e Emergência em saúde mental.

(...)

A Política Nacional de Atenção Básica tem na Estratégia de Saúde da Família (ESF), regulamentada pela Portaria n. 2.488 (2011), sua ação prioritária para expansão, qualificação e consolidação. A ESF favorece a reorientação do processo de trabalho na AB, buscando aprofundar os princípios, diretrizes e fundamentos pertinentes à atenção primária. Por estar mais próxima da população, a equipe tem impacto direto na situação de saúde das pessoas e maior potencial para ampliar a resolutividade dos problemas de saúde (Brasil, 2012).

De acordo com as diretrizes da PNAB, o modelo da ESF prevê a contratação, pelos municípios, de equipes de saúde compostas minimamente por médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e agentes comunitários de saúde para cuidar de um determinado número de famílias por território.

Endereço: Rua Conde Prados, 191

Bairro: Nossa Sra. Abadia

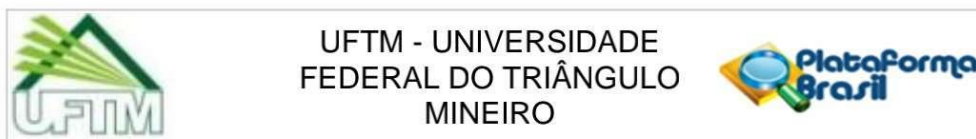
CEP: 38.025-260

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 3.176.174

O estudo de Souza e Santos (2012) sinaliza que é preciso atenção para que os grupos realizados não se tornem apenas espaços de diagnósticos de doenças e orientações aos usuários, o que acabaria por reproduzir o modelo de medicalização da saúde. Além disso, a pesquisa aponta como fundamental a integração com outros profissionais, inclusive com os dirigentes das instituições de saúde, já que a falta de reconhecimento e apoio destes em relação à importância do trabalho grupal pode se tornar um limitador à realização da atividade.

(...)

Os estudos reforçam a importância de se refletir sobre o papel do psicólogo na AB desde sua formação, passando pelo entendimento do seu fazer neste contexto e de seu papel como ator de mudança social (Cintra & Bernardo, 2017; Lima, Brito & Firmino 2011; Dimenstein & Macedo, 2010). Estas pesquisas evidenciam a fragilidade dos psicólogos no que diz respeito à saúde coletiva e é de consenso dos autores que, além das práticas já institucionalizadas na AB, o psicólogo pode lançar mão de outras técnicas e saberes para estar de acordo com o que é preconizado pelo SUS.

Deseja-se esclarecer que ao se utilizar as palavras clínica e tradicional conjuntamente, não se pretende tirar o mérito das demais práticas psicológicas. Como exemplo, os Grupos Operativos de Pichón-Rivière, dentre outras práticas, também são considerados tradicionais, dada sua construção e solidez teórica. Apenas se observa que não se pode restringir o trabalho da psicologia no serviço público às práticas clínicas individuais, estando os grupos mais próximos do alcance dos objetivos da AB e condizentes com os princípios da universalidade, equidade, integralidade que norteiam o trabalho no SUS. Também não se pretende afirmar que a saúde pública não seja lugar para a clínica ou para psicoterapia. Elas têm sua importância e são eventualmente necessárias.

Dada a importância do trabalho grupal, dificuldades, mas principalmente sua pertinência para o trabalho no serviço público de saúde, o Problema que se configura para esta pesquisa é: Como os psicólogos atuantes no âmbito do SUS e os usuários deste sistema compreendem e significam a ferramenta grupos?"

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os pesquisadores:

"Estudo 1: Compreender como os psicólogos atuantes no SUS percebem o trabalho com grupos neste contexto.

Estudo 2: Refletir sobre como os usuários do SUS atendidos em grupo terapêutico reconhecem

Endereço: Rua Conde Prados, 191

Bairro: Nossa Sra. Abadia

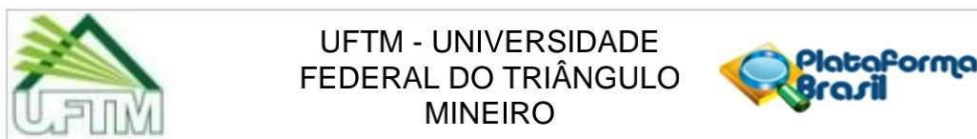
CEP: 38.025-260

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 3.176.174

essa ferramenta em relação à satisfação de suas demandas psicossociais.

Objetivos Específicos

ESTUDO 1

- Investigar as representações do trabalho grupal e de seus processos tidas pelos profissionais psicólogos.
- Compreender como os profissionais percebem o alcance/efetividade do trabalho grupal em relação às demandas dos usuários.
- Investigar como a trajetória acadêmica dos psicólogos influencia no trabalho destes profissionais com grupos.
- Refletir sobre as potencialidades e dificuldades da ferramenta grupo apresentadas pelos profissionais.
- Reconhecer aspectos relativos à aprendizagem dos profissionais em relação à implantação das atividades de grupo como ação prioritária na reconfiguração da proposta assistencial da RAPS de seu município de trabalho.

ESTUDO 2

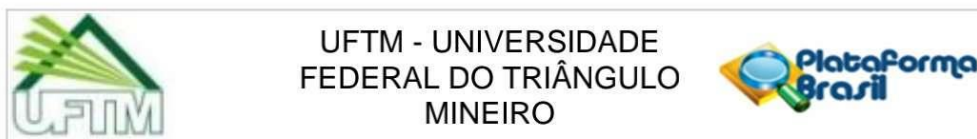
- Investigar se há formação de rede de apoio entre os participantes a partir da participação no atendimento grupal oferecido.
- Compreender qual é a motivação dos usuários na participação dos grupos.
- Investigar se a participação no grupo favorece a implicação do usuário em seu processo saúde-doença.
- Refletir se há aprendizagens por parte dos usuários, no sentido do movimento dialético propiciado pelo grupo.
- Perceber se no discurso dos usuários há referência a questão vincular."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores:

"Espera-se que a realização desta pesquisa apresente apenas benefícios a todos os envolvidos. Aos psicólogos participantes, a pesquisa poderá servir como ferramenta de reflexão sobre as práticas adotadas e colaborar para adequação aos princípios do SUS. Para a Instituição em que os profissionais estão inseridos a pesquisa poderá funcionar como diagnóstico dos gargalos presentes no serviço e favorecer mudanças. Finalmente para os usuários atendidos, haverá

Endereço: Rua Conde Prados, 191	
Bairro: Nossa Sra. Abadia	CEP: 38.025-260
UF: MG	Município: UBERABA
Telefone: (34)3700-6803	E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 3.176.174

benefícios em relação à melhoria dos serviços e oferta de atendimentos.

Tendo em vista que a demanda por atendimentos psicológicos é grande e crescente, faz-se necessário que a categoria repense o papel do seu serviço na AB e seja criativa ao desenvolver ações que levem seu saber e seu cuidado ao maior número de pessoas. Neste sentido, a comunidade atendida poderá se beneficiar dos resultados da pesquisa por estes poderem propiciar o aperfeiçoamento dos atendimentos psicológicos ofertados na modalidade grupal.

Os riscos desta pesquisa são concernentes apenas à reações emocionais dos participantes, o que tomando-se os cuidados pertinentes, não caracteriza perigo aos envolvidos e não inviabiliza sua execução. Dessa forma, a realização deste projeto será de ganho em todas as esferas.

Espera-se que a pesquisa que se propõe não apresente riscos à integridade física dos participantes, uma vez que se trata de uma pesquisa qualitativa que terá como instrumentos de coleta de dados a técnica do grupo focal e entrevistas semidirigidas, que trabalham com conteúdos falados pelos participantes. Os psicólogos que participarão desta pesquisa serão solicitados apenas para se expressarem verbalmente a respeito de temas relacionados à vivência de seu trabalho por um mediador.

Caso os participantes se sintam afetados pelos temas propostos e não se sintam bem por expressar conteúdos de ordem pessoal, cabe aos pesquisadores responsável realizar o acolhimento do participante e ter conhecimento de possíveis locais para encaminhamento do mesmo para intervenção profissional.

Além disso, esta pesquisa será desenvolvida com indivíduos com autonomia plena, que atendam aos objetivos da mesma. Indivíduos vulneráveis não participarão da pesquisa, o que torna sua realização com menos propensão ao risco.

Ainda assim, os pesquisadores responsáveis, ao perceberem qualquer risco ou dano significativos aos participantes da pesquisa, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, comunicará o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, e avaliará, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender o estudo, conforme item V da Resolução n. 466 (2012) do Conselho Nacional de Saúde.

Tendo em vista o item II.4 da Resolução n. 466 (2012), o benefício esperado aos participantes a partir do espaço de discussão propiciado pelo contexto da pesquisa é gerar reflexão sobre suas práticas no âmbito SUS e ajudá-los a superar dificuldades e ressignificar seus atendimentos dentro dos propósitos da Atenção Básica.

Pretende-se que o benefício decorrente participação na pesquisa seja direto e imediato aos psicólogos, refletindo de forma indireta nos usuários atendidos por eles.

Endereço: Rua Conde Prados, 191

Bairro: Nossa Sra. Abadia

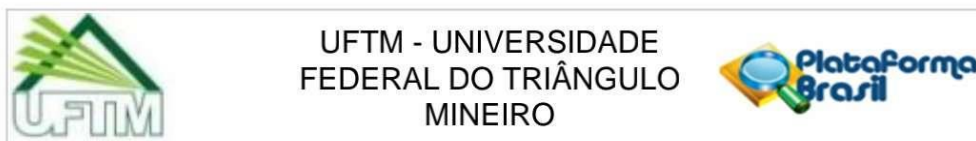
CEP: 38.025-260

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 3.176.174

Dada a importância do trabalho grupal, dificuldades, mas principalmente sua pertinência para o trabalho na Atenção Básica, a pesquisa possibilitará um espaço de discussão entre os profissionais atuantes na Atenção Básica a respeito desta atividade e de diagnóstico dos pontos nevrálgicos do serviço. Atentando-se às mudanças previstas para o trabalho dos psicólogos inseridos na Atenção Básica do município a ser pesquisado, que priorizará o atendimento grupal, esta pesquisa poderá contribuir de forma a orientar o processo de reorganização. Os resultados finais serão encaminhados à Secretaria Municipal de Saúde do município, instituição responsável pelos participantes desta pesquisa, que poderá providenciar adequações às formas de trabalho dos psicólogos."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de 2 estudos descritivos, de corte transversal e abordagem qualitativa. Relevante cientificamente porque acarretará impacto e maior responsabilidade social para proporcionar aos usuários uma melhor qualidade de assistência – considerando-se o contexto do SUS e do município a ser pesquisado, bem como aos trabalhadores envolvidos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos adequados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 e norma operacional 001/2013, o colegiado do CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto, situação definida em reunião do dia 22/02/2019.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1229013.pdf	05/02/2019 16:39:04		Aceito

Endereço: Rua Conde Prados, 191

Bairro: Nossa Sra. Abadia

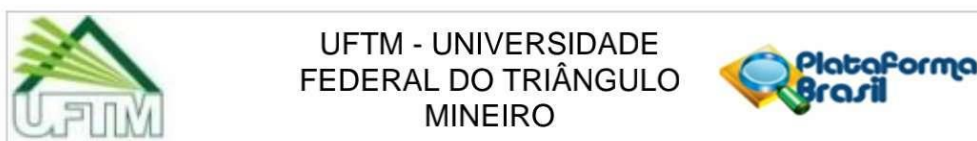
CEP: 38.025-260

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



Continuação do Parecer: 3.176.174

Orçamento	Orcamento.pdf	05/02/2019 16:38:28	BEATRIZ LACERDA CAETANO	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	05/02/2019 16:38:09	BEATRIZ LACERDA CAETANO	Aceito
Outros	Entrevista_e_grupo_focal_roteiro.pdf	05/02/2019 16:37:54	BEATRIZ LACERDA CAETANO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Coparticipante.pdf	05/02/2019 16:37:36	BEATRIZ LACERDA CAETANO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_usuarios.pdf	05/02/2019 16:36:28	BEATRIZ LACERDA CAETANO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_psicologos.pdf	05/02/2019 16:29:56	BEATRIZ LACERDA CAETANO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_CAETANO_SANTEIRO.docx	05/02/2019 16:19:57	BEATRIZ LACERDA CAETANO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	04/02/2019 17:31:20	BEATRIZ LACERDA CAETANO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERABA, 28 de Fevereiro de 2019

Assinado por:

Alessandra Cavalcanti de Albuquerque e Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Conde Prados, 191

Bairro: Nossa Sra. Abadia

UF: MG

Município: UBERABA

CEP: 38.025-260

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br